

Carta de Pero Vaz de Caminha

- Ao longo do texto, percebe-se o grande apego do autor às categorias sensoriais, isto é, a valorização dos sentidos, principalmente o da visão.
- **O caráter plástico o atrai mais do que a possível significação social e cultural.**
- A visão apresentada é **etnocêntrica ou eurocêntrica**, o que está por detrás dos vários equívocos transmitidos na epístola.
- Donaldo Schüler aborda um desses equívocos:

“A desinteligência não se restringe à fala e aos gestos. Qual era o sentido das pinturas que revestiam o corpo dos silvícolas? Os descobridores estavam longe de imaginar que a finalidade daquelas formas coloridas, resistentes ao contato com a água, era mais que estética. Escapava-lhes que naquelas linhas estava inscrita hierarquia, função, nacionalidade. Advertidos de que imprópriamente restringimos a escrita ao alfabeto, devemos considerar aquelas cores e traços signos de um sistema de escrita pictórica, escritos pela organização social”.

I – O Estilo - Em linhas gerais, alguns traços do autor e de seu estilo podem ser exemplificados com passagens de seu texto:

- **Visão etnocêntrica, eurocêntrica dos aborígenes:**

“A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos (...)”

- **Uso de comparações com elementos da cultura européia**

“(...)e o que lhe fica entre o beijo e os dentes é feito como roque de xadrez (...)”

“(...)e andava todo por louçainha cheio de penas pegadas pelo corpo, que parecia assetado como são Sebastião.”

- **Predisposição em descrever o que interessa ao desejo do colonizador:**

“Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço e depois tirou- as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por o desejarmos, mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar isto não queríamos entender porque não lho havíamos de dar (...)”

- **Senso de humor e de aguda visão sensual no perfil das nativas:**

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras, que de as nós muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.”

- **Observação detalhada das partes íntimas, evidenciando provável preconceito:**

“(...)sem ter nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas, e as cabeleiras delas bem rapadas e feitas. “

- **Sentimento de religiosidade:**

“E pregou uma solene e proveitosa pregação da estória do evangelho, e em fim dela tratou de nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência viemos; a qual veio muito a propósito e fez muita devoção.”

- **Depreciação do indígena:**

Os outros dois que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais apareceram, de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos.

- **Admiração da saúde do indígena:**

«Eles, porém, com tudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias montesas que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos e tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser (...)»

• **Exaltação da terra descoberta:**

“(…) águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem(…)”

• **Subserviência ao rei e interesse pessoal:**

“E pois que, Senhor é certo que assim neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for Vossa Alteza há deserde mim muito bem servida, a ela peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de São Thomé Jorge Dosoiro, meu genro, o que dela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza. “

II – As Projeções da Carta

• **Oswald de Andrade**, no seu livro de poemas Pau-Brasil, no texto ‘As meninas da gare’:

“Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis / Com os cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas / Que de nós as muito olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha.”

• **Murilo Mendes**, em História do Brasil:

“A terra é mui graciosa,/ tão fértil eu nunca vi. / A gente vai passear,/ no chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce/ bengala de cartão de ouro. / Tem goiabas, melancias./Banana que nem chuchu”

• Também Sebastião Nunes, em História do Brasil, revisita o episódio da primeira missa, numa prosa mordaz e saudavelmente avacalhadora:

“Homens sadios suspirando e esfregando o saco irritadíssimo. Para que missa? Antes beijo grosso e bunda grande para o regalo e a esfregação. Mas vocês não perdem por esperai; um dia a missa acaba, pensavam o grumete e o capitão, fazendo de conta que não”

III - Post-scriptum

• Na leitura da Carta, o leitor deverá atentar-se para as coisas que **NÃO foram ditas**: por exemplo, o escritor nada fala do mar e da navegação em si, do suposto erro que levou a frota de Cabral a chegar casualmente a este país...

→ Nada sabemos dos crimes dos degredados que são obrigados a aqui ficarem, dando início ao processo civilizatório.

→ Não sabemos a causa da fuga dos grumetes.

→ O texto não diz, mas nas entrelinhas vislumbramos o racismo contra negros e judeus (afinal, os aborígenes não tinham “bons rostos e bons narizes e não eram fanados”?).

→ O texto não expressa a visão da maioria dos marinheiros: a sua reação diante dos índios e dos rituais religiosos.

→ E os índios, o que pensavam os índios de tudo aquilo?

→ Para Caminha, o contacto entre culturas diferentes foi marcado por muito escambo, muita dança, muita festa e amizade, aliás, muito mais da parte dos homens da terra do que dos homens do mar...

→ O texto de Caminha, conforme aponta Flávio Kothe, inaugura “uma grande fantasia quanto à colonização lusitana: de que teria sido pacífica, como se cada um procurasse no outro o paraíso: o europeu, no contato com a natureza, em forma de locus amoenus, Eldorado ou harmonia primária; o indígena, no conforto da civilização e do céu cristão”